

## CAPÍTULO XIV

### A Ideologia Tecnoburocrático-capitalista

A digressão que realizamos no capítulo anterior sobre a liderança intelectual tecnoburocrática no pacto populista no caso brasileiro serve como uma introdução à análise da ideologia tecnoburocrático-capitalista. O fato de a classe tecnoburocrática participar de um espectro tão variado de coalizões políticas, que vai desde os regimes de direita facista até aos de esquerda comunista, passando por regimes capitalistas populistas e capitalistas elitistas dos mais variados matizes, significa que a tecnoburocracia seja ideologicamente neutra? Obviamente não. A primeira afirmação ideológica da tecnoburocracia é a da sua neutralidade ideológica.

Já examinamos a ideologia tecnoburocrática em *Tecnoburocracia e Contestação* (1972, b, Parte I, Cap. VII). Agora importa examinar a ideologia tecnoburocrático-capitalista dependente, ou seja, a ideologia que as classes hegemônicas do bloco histórico do modelo de subdesenvolvimento industrializado impõem ao resto da sociedade através dos aparelhos ideológicos de Estado.

A legitimidade da tecnoburocracia deriva do pressuposto de que monopoliza a competência técnica e organizacional. Nestes termos, sua religião é o racionalismo econômico ou o eficientismo. O valor maior ao qual todos os demais estão subordinados é o da eficiência técnica, o da maximização dos resultados econômicos em relação aos insumos despendidos. Em primeiro lugar devemos alcançar a eficiência econômica. Os demais valores, como a liberdade, a igualdade, a justiça, a beleza, a natureza, poderão ser sacrificados a curto prazo. A longo prazo eles nos serão dados por acréscimo da eficiência.

O eficientismo é uma ideologia tecnoburocrática; o desenvolvimentismo é a sua tradução em termos da associação tecnoburocrático-capitalista. Desenvolvimento, aumento da renda por habitante, industrialização serão alcançados pela burguesia industrial sob a égide do Estado. A este cabe a responsabilidade pela condução do desenvolvimento, mas às empresas privadas nacionais e estrangeiras cabe a execução da tarefa.

Este desenvolvimentismo se desdobra sob várias maneiras. Implica naturalmente em uma perspectiva modernizante, em que o grande objetivo é reproduzir os padrões de consumo do centro, na medida em que o próprio padrão de acumulação a ser legitimado tem esse objetivo. É também concentracionista, afirmando ser necessária a concentração da renda para o aumento da poupança, e abominando todo “distributivismo prematuro”. É autoritário pelas razões que já examinamos amplamente. É um artigo de fé da ideologia tecnoburocrática que a eficiência depende de um sólido sistema de autoridade hierárquica.

A ideologia tecnoburocrático-capitalista é também “empresarialista” ou “administrativista”. Para as escolas de economia, administração e engenharia que têm uma responsabilidade fundamental no processo de formular e difundir essa ideologia, reproduzindo as relações de produção vigentes, o modelo de organização burocrática eficiente são as grandes empresas privadas e burocratizadas norte-americanas, principalmente a General Motors, a Sears, a Dupont, a IBM, a General Electric. Estas empresas são consideradas exemplos de administração. Em consequência, procura-se copiar tanto no setor privado quanto no público as práticas organizacionais dessas empresas. Surge assim uma ideologia baseada em crenças na superioridade da administração privada, da administração descentralizada, da administração profissionalizada.

Neste quadro a grande empresa privada é a forma mais perfeita de organização burocrática, enquanto que o administrador profissional e o empresário moderno são os novos heróis do sistema. Ainda que se pretenda dar algum apoio às pequenas empresas, estas são consideradas ineficientes, principalmente porque são dirigidas por empresários despreparados.

O tecnoburocrata estatal preza e faz questão de dialogar com seus associados burgueses, os quais precisam aprovar ou pelo menos ser comunicados de suas políticas. Mas desde que sejam grandes empresários modernos, que também tenham passado por escolas superiores de administração, engenharia ou economia, e que também saibam avaliar o valor da administração moderna. Em relação aos pequenos empresários o tecnoburocrata estatal adota a mesma atitude que mantém para com os demais

grupos sociais: despreza. E só não ignora porque politicamente nem sempre isto é possível.

O diálogo, a consulta, a comunicação de baixo para cima, o atendimento de reivindicações dos grandes empresários são uma atividade fundamental do tecnoburocrata estatal, principalmente de seus escalões mais elevados. Forma-se entre os tecnoburocratas estatais e os grandes empresários modernos uma extensa e complexa rede de relacionamentos principalmente formais, dos quais participam também os tecnoburocratas privados de cúpula, que tendo ainda pouca autonomia representam seus padrões burgueses.

É comum, entretanto, o tecnoburocrata estatal se sentir mais à vontade em dialogar com os tecnoburocratas privados do que com os próprios empresários. Existe, inclusive, uma circulação dos altos tecnoburocratas entre o setor público e o privado que facilita esse entendimento. E o tecnoburocrata tanto público quanto privado, nesse tipo de formação social mista, pode eventualmente tornar-se ele próprio empresário capitalista. Constitui-se, assim, uma razoável identidade de interesses, ainda que os tecnoburocratas e capitalistas disputem uma parcela do excedente, os primeiros em forma de ordenados, os segundos em forma de lucros. Esta identidade de interesse está naturalmente baseada em um padrão de acumulação que garante um excedente crescente à disposição das duas classes. E a identidade de interesses permite a formulação de uma ideologia única.

Esta ideologia naturalmente não apenas justifica grandes lucros para os capitalistas, ou melhor, “para as empresas”, a fim de que elas possam reinvestir, mas também altos ordenados para os tecnoburocratas. Os altos ordenados não são justificados em termos de estímulo à poupança, mas de recompensa à eficiência. São atribuídos também à escassez de tecnoburocratas, ao desequilíbrio entre a oferta e a procura de técnicos e administradores, em uma economia em rápido crescimento, em que as organizações burocráticas crescem mais rapidamente. Esta escassez é em parte real e em parte também ideologicamente determinada, desde que se parta da crença de que a eficiência das empresas e das organizações burocráticas é função direta do número de administradores competentes que possui.

A ideologia tecnoburocrático-capitalista tem uma outra base de apoio na segurança. Reflete-se aí a faceta militar da ideologia tecnoburocrática. Os militares, para justificar sua intervenção no processo político, não podem apelar diretamente para formas de legitimidade positiva, como o desenvolvimento e a eficiência. Embora essas ideologias também

os comovam, a legitimidade de sua intervenção só pode basear-se em formulações negativas — a ameaça da subversão e da corrupção — contra as quais eles afirmam a ideologia positiva da segurança nacional. Esta ideologia da segurança procura, naturalmente, ser a mais ampla possível, englobando também a ideologia desenvolvimentista e a afirmação da independência nacional. Na verdade ela se reduz a um anticomunismo radical. Os militares neste modelo podem ser mais ou menos autoritários, podem ser mais ou menos nacionalistas, podem ser mais ou menos desenvolvimentistas, mas são sempre e antes de mais nada anticomunistas.

O anticomunismo radical poderia ser em parte explicado pelo caráter totalitário do regime estalinista soviético. Entretanto, dados o autoritarismo que frequentemente caracteriza os militares e o caráter muitas vezes simplista do seu anticomunismo, é preciso buscar outras explicações. Estas são a meu ver de duas naturezas. Em primeiro lugar, a fim de justificar sua intervenção e seu poder, eles precisam de um inimigo ameaçador. Não há melhor inimigo do que o comunismo. Entende-se então porque de repente tudo se transforma em comunismo. Qualquer movimento de protesto, qualquer manifestação que se afaste dos padrões aceitos, fenômenos não diretamente políticos como modificações na moral familiar e sexual, o uso de drogas, tudo faz parte da conspiração comunista internacional. Uma espécie de paranóia anticomunista permite a identificação de um inimigo claramente denominado embora obscura e confusamente identificado. Em segundo lugar, o anticomunismo dos militares também se explica pelo fato de que estes percebem que nos partidos comunistas existe uma alternativa burocrática efetiva à dominação política pelas forças armadas. Estas são uma organização burocrática coesa e bem estruturada, que deriva seu poder não apenas do controle das armas mas também da estrutura e coesão de sua organização. Nem os tecnoburocratas civis nem a burguesia, inclusive através de seus partidos políticos, têm condições de rivalizar com as forças armadas em capacidade de se organizar burocraticamente. Só a Igreja Católica teria capacidade de organização comparável, mas as limitações de sua atividade política são óbvias. Não obstante essa capacidade de organização é suficiente para torná-la politicamente temida. Já os partidos comunistas estalinistas são considerados muito mais perigosos. São organizações burocráticas sólidas, que aspiram à posição de partido único, para em seguida se confundir com o próprio Estado. Nestes termos, embora geralmente os partidos comunistas sejam pouco expressivos politicamente na economia do subdesenvolvimento industrializado, são ainda assim violentamente reprimidos.

Para concluir a análise da ideologia tecnoburocrático-capitalista deveríamos discutir dois aspectos bem mais controvertidos e imprecisos da mesma, o estatismo e o nacionalismo.

A ideologia tecnoburocrática é obviamente estatizante, a burguesa, privatizante. A prática do Estado Tecnoburocrático-capitalista Dependente é estatizante. Mas o estatismo subjacente não pode ser declarado, pois corre inclusive o risco de ser taxado de comunista. Define-se, então, um estatismo que Eduardo Matarazzo Suplicy denominou com muita propriedade de “envergonhado” (1976, b). O tecnoburocrata estatal favorece a estatização e o empresário capitalista aceita-a na medida em que percebe que o contínuo aumento da acumulação de capital pelo Estado é condição do rápido aumento de sua própria acumulação. Mas oficialmente o tecnoburocrata deve fazer profissões de fé a favor da livre-empresa, que a burguesia aceita contrita mas nem sempre convictamente. E assim nunca houve tantos paladinos para uma causa tão desacreditada por eles próprios.

Já em relação ao nacionalismo, a contradição é menor, mas também existe. Já vimos que a burguesia local não é nacionalista. Para ela o nacionalismo, salvo algumas exceções é um princípio inaceitável, na medida em que a associação com as multinacionais manufactureiras é economicamente mais interessante. Já para a tecnoburocracia estatal a situação é menos clara. À medida que ela assume a responsabilidade pelo desenvolvimento nacional modernizante, freqüentemente ela é obrigada a verificar o conflito entre os interesses nacionais e a ação das empresas multinacionais. Em qualquer hipótese, o nacionalismo tecnoburocrático é limitado e impreciso, não chegando a pôr em risco a aliança básica do Estado Tecnoburocrático-capitalista Dependente.